



UM HOMEM SENTADO NA CALÇADA

Elisângela Maura Catarino¹

Misiane Rezende da Silva²

Luanna de Paula Araújo e Paiva²

Nem parecia um final de tarde como outro qualquer. Mas o fato que aquele corpo não se reconhecia mais, apenas respirava como fazem todos os seres vivos.

Sentado em uma calçada que dava para o pôr do sol, sentia em sua pele o calor derradeiro de toda a existência de um dia. Afinal de contas, o dia nasce e morre. Assim, eram as lembranças daquela pessoa.

Mario tinha os dias preenchidos pelo trabalho que sugavas de ti todas as forças. Mas que ao mesmo tempo o permitia ser soberano sobre o inevitável. A morte. Cuidava de seu pais.

Todos os dias antes de sai, a eles pedia a benção diária. Beijava com doçura a testa de sua mãe, e para seu pai as velhas recomendações. -Cuidado Tião, evite a rua, os carros de hoje são muito velozes, demais!

Homem feito, com a alma de uma criança inquieta. Trazia à tona toda a energia que um adulto tem. Corria de um lado para o outro, delegando funções, aconselhando, rindo entre os amigos. Contando suas peripécias de voltar a estudar e de como era bom aprender novamente.

Tinha dias que eram mais tensos, quando um de seu pais adoecia. Não perdia a fé continua na jornada até que eles se restabelessem. Desdobrava em mil homens para não perder nada. O tempo não para.

Mas afinal, o que são os pais de uma pessoa feita. Meu pai é um homem das letras, falante e que gosta de chamar a atenção da moçada nova para os acontecimentos do mundo. Emotivo com todas as conquistas e principalmente um pai amoroso que mesmo em sua simplicidade, demonstra seu afeto em pequenos gestos, como aguardar um neto chegar da faculdade, ou quando comprava algum doce para a filha, ou quem sabe uma cerveja nova! Presente, sim, presente.

¹ Professora adjunta do Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES. Forma em letras pela Universidade de Goiás, doutora em Ciências da religião, PUC-Goiás e Doutora em Educação pela Universidade Luterana do Brasil. Atualmente como coordenadora do Curso de Pedagogia e Professora pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás com ensino de literatura. maura@unifimes.edu.br

² Acadêmicas do curso de Pedagogia.



Minha mãe por outro lado presa em suas lembranças. Nunca compartilhadas apenas habitando aquele corpo que a vida vinha consumindo bem devagar. Ela é a representação da força feminina, capaz de se transformar para proteger um dos seus. Determinada, criativa e inteligente, mas que no fundo guarda em si uma menina assustada com o mundo, sem saber ao certo se ali é seu lugar mesmo.

Seus pais, pessoas que os amou deste o primeiro momento. Se alegravam com suas descobertas, com sua curiosidade de menino. Mesmo entre um trabalho e outros, aquele trio sempre estavam juntos, como uma trindade que em uma roda viva sabiam que só tinham um para o outro.

Sua mãe tão pequenina, mas tão forte em suas falas que trazia aquele homenzarrão a leveza da infância, com a sabedoria de uma vida plena. Tinha em seu filho a continuidade da vida. Maria, como tantas Marias, mãe daquele homem que a ela dedicava seus dias.

O que dizer de nossos pais? Um medo. Medo do fim, medo do não estar mais. A compreensão da vida é que de fato um dia não estrão mais aqui, mas quem deseja uma sina como essa? Por que não somos eternos nesta esfera do tempo? Por que não evitar esse adeus...

O fato que nós homens feitos temos que lidar com o inevitável e viver com isso. Sem grandes lamentos. Difícil...impossível, mas necessário, viver sem pensar em coisas que fazem parte da história de qualquer pessoa.

A cada aniversário brindamos suas vidas com um sopro de esperança de suas permanências entre nós. Velhinhas, bolo, refrigerante, um cálice de vinho. Brindemos a vida, pois apenas queremos mais um instante.

Ouvir suas histórias é acreditar que elas são tão verdadeiras como o dia de natal onde tudo se perdoa, onde os pensamentos são sempre de esperança, onde o cheiro de rabanada ocupa toda a casa, competindo com o peru assado.

Seja a história de quando era menino e cavalgava com seu pai para tanger o gado, ou quando iam para escola, as longas caminhadas. Histórias que entram pela madrugada e que nem percebemos.

Para aquele homem, as histórias de seus pais se misturavam as suas, pois como trindade, só depois dessa conversão que tudo fez sentido e nada era para um ou para o outro, mas para ambos. Seja aquela noite que o pai acordou assustado, querendo sair para pegar o gado que fugira...que memórias são essas...uma ilusão criada em uma mente que se perdia no tempo.

Me lembro de uma foto que você me enviara de sua mãe, brindando com um cálice de vinho sua idade 90 anos, 92 anos, não importa. O sorriso dela, era a alegrinha de uma mulher



que brindava a vida. Ou quando seu pai saiu para comprar cigarro e se perdeu. Encontramos ele em outro bairro, confuso, bravo por não achar a padaria que ia diariamente comprar os cigarros.

O fato que nossos pais são a parte mais forte de nossa existência, e lutar por eles é agradecer a tudo que fizeram por nós, mesmo quando nos recusamos a ver que as mentes não estão mais lá, ou que seus corpos não carregam mais tanta energia. Estamos lá, prontos para cuidar e amar.

Amar...verbo intransitivo, transitivo direto. O verbo mais usado por Vinicius de Moraes, mas esquecido por tanta gente. Meus amores estão longe, guardados pelas nossas lembranças registradas pelas fotos. Para nós os feriados e férias são muito mais que dias para não se fazer nada. São dias para se colocar a conversa em dia, trazer para pauta temas polêmicos que toda família tem. Dias de sentarmos a mesa e contemplamos os alimentos tão bem preparados. Isso, me lembra a última ceia...estranho pensar sobre ela, mas estamos juntos é um momento único, assim como foi a última ceia, nunca mais ela se repetiu, assim, quando estamos juntos aquele momento torna-se único e por isso não temos tempo para brigar, ou cobrar coisas uns dos outros.

É o amor em sua apresentação real, sem máscara, sem filtro, apenas nós, juntos, felizes pois compreendemos que os encontros cada dia vão ser mais raros e curtos, pois os dias também vão ficando curtos.

Mas, espera...e aquele homem sentado a calçada, o que contempla afinal de contas? O pôr do sol? Ou sua vida que passa diante de seus olhos?

Não importa, seu olhar estará fixado no sol, que desce devagar, que finda com a esperança de surgir de um outro dia. Para ele o que lhe resta é essa certeza, pois no mundo se faz só, vivendo entre suas lembranças. Mas muito mais que isso, seu sentar não é melancólico ou apático, mas apenas a oportunidade de contemplar o mágico, o certo, o esperado. Um novo dia amanhecerá, com sua presença ou não, ele amanhancerá